

1º LUGAR DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *NEW YORK TIMES*

JENNIFER L. ARMENTROUT

ORIGINAIS

SAGA LUX LIVRO 4



NADA O IMPEDIRÁ DE SALVÁ-LA!

valentina

ORIGINAIS

SAGA LUX LIVRO 4



JENNIFER L. ARMENTROUT

ORIGINAIS

SAGA LUX LIVRO 4




valentina

Rio de Janeiro, 2017

▲ 1ª edição

Copyright © 2013 by Jennifer L. Armentrout
Publicado mediante contrato com Entangled Publishing, LLC, através da Rights Mix.

TÍTULO ORIGINAL

Origin

CAPA

Beatriz Cyrillo

FOTO DE CAPA

Liz Pelletier

FOTO DA AUTORA

Vanessa Applegate

DIAGRAMAÇÃO

Imagem Virtual Editoração

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A76o

Armentrout, Jennifer L.

Originais / Jennifer L. Armentrout; tradução Bruna Hartstein. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

382 p. ; 23 cm. (Lux; 4)

Tradução de: *Origin*

Sequência de: Opala

Continua com: Opostos

ISBN 978-85-5889-056-4

1. Romance americano. I. Hartstein, Bruna. II. Título. III. Série.

CDD: 813

17-45093

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

*Para minha mãe, a pessoa que mais me apoiou e foi minha maior fã.
Você vai fazer falta, e jamais será esquecida.*



Katy

Eu estava pegando fogo de novo. Pior do que quando havia ficado doente por conta da mutação ou de quando tivera ônix borrifado na cara. As células mutantes no meu corpo ricocheteavam como se quisessem furar a pele. Talvez quisessem. Era como se minhas entranhas estivessem expostas. Uma leve umidade cobria minhas bochechas.

Lágrimas, percebi com alguma dificuldade.

Lágrimas de dor e de raiva — uma fúria tão possante que me deixava com um gosto de sangue no fundo da garganta. Talvez fosse isso mesmo. Talvez eu estivesse me afogando no meu próprio sangue.

Não me lembrava muito bem do que havia acontecido após as portas se fecharem. As últimas palavras do Daemon assombravam todo e qualquer momento de consciência. *Eu te amo, Kat. Sempre te amei e sempre te amarei.* Escutara, então, uma espécie de chiado quando as portas se fecharam e me vira sozinha com os Arum.

Acho que eles tinham tentado me comer.

Tudo ficou subitamente preto, até que acordei neste mundo onde o simples ato de respirar era um sofrimento. Pensar na voz dele, em suas

palavras, aplacou parte da dor. Mas então me lembrei do sorriso do Blake enquanto segurava o colar com a opala — meu colar; o que o Daemon havia feito para mim antes de partirmos para a incursão — e a raiva aumentou. Eu tinha sido capturada e não sabia se meu namorado havia conseguido escapar com o resto dos nossos amigos.

Não sabia de nada.

Forcei-me a abrir os olhos, piscando ao ser ofuscada pelas luzes fortes que reluziam acima. Por um momento, não consegui distinguir nada. Tudo parecia estar envolto numa espécie de halo. Por fim, minha visão clareou e consegui enxergar um teto branco atrás das luzes.

— Ótimo. Você acordou.

Apesar da queimação terrível, meus músculos tencionaram ao escutar a desconhecida voz masculina. Tentei me virar na direção do som, mas uma dor excruciante se espalhou pelo meu corpo, fazendo meus dedos dos pés se contraírem. Não conseguia mexer o pescoço, os braços ou as pernas.

Meu sangue gelou. Estava presa por algemas nos pulsos e nos tornozelos, e uma coleira no pescoço, tudo revestido em ônix. A súbita sensação de pânico me roubou o ar dos pulmões. Pensei nos hematomas que o Dawson tinha visto no pescoço da Beth e estremeci com um misto de revolta e medo.

Escutei o eco de passos se aproximando e, de repente, um rosto bloqueou a luz. Era um sujeito mais velho, por volta dos cinquenta, e seus cabelos escuros cortados rente à cabeça eram entremeados por fios grisalhos. Ele usava um uniforme militar verde-escuro. Três fileiras de coloridas comendas decoravam o lado esquerdo do peito, enquanto o direito ostentava um emblema de águia com as asas abertas. Mesmo em meio à confusão e à dor, percebi que o sujeito era importante.

— Como está se sentindo? — perguntou ele numa voz sem entonação.

Pisquei lentamente, imaginando se o cara estava falando sério.

— Tudo... tudo dói — grunhi.

— É por causa das algemas, mas acredito que você já saiba. — Estendeu o braço para algo ou alguém atrás dele. — Tivemos que tomar certas precauções ao transportá-la.

Me transportar? Encarei-o, o coração acelerado. Onde diabos eu estava? Ainda em Mount Weather?

— Eu sou o sargento Jason Dasher. Vou soltá-la para que possamos conversar e examiná-la. Está vendo aqueles pontos escuros no teto? — perguntou. Acompanhando o olhar dele, vi alguns pontos quase imperceptíveis. — É uma mistura de ônix e diamante. Você já conhece o efeito, portanto, se tentar nos atacar, a sala inteira será imersa numa nuvem de ônix. Qualquer tolerância que tenha conseguido desenvolver será inútil aqui.

A sala inteira? Em Mount Weather, ele tinha sido apenas borrifado nos nossos rostos. Não liberado num fluxo incessante.

— Você sabia que os diamantes possuem o maior índice de refração da luz? Embora não provoquem a mesma dor que o ônix, em grandes quantidades e aliado ao ônix, eles possuem a capacidade de drenar um Luxen, deixando-o incapaz de recorrer à Fonte. O efeito será o mesmo em você.

Bom saber.

— Como medida de precaução, a sala também é revestida — continuou ele, os olhos castanho-escuros fixos nos meus. — Para o caso de você conseguir, ainda assim, invocar a Fonte ou atacar qualquer membro da minha equipe. Com vocês, híbridos, nunca sabemos a extensão dos seus poderes.

No momento, não acreditava que seria sequer capaz de me sentar sem ajuda, que dirá dar uma de ninja para cima de alguém.

— Entendeu? — Ergueu o queixo enquanto esperava. — Não queremos machucá-la, mas iremos neutralizá-la caso você nos ameace. Compreendeu, Katy?

Eu preferia não responder, mas queria me livrar daquelas malditas algemas.

— Sim.

— Ótimo. — Ele sorriu, mas o sorriso pareceu meio forçado e não muito amigável. — Não queremos vê-la com dor. Não é disso que se trata o Daedalus. Não somos torturadores. Você pode não acreditar agora, mas temos esperanças de que venha a compreender nosso propósito. A verdade por trás da nossa existência e da dos Luxen.

— É meio difícil... acreditar nisso agora.

O sargento Dasher pareceu aceitar a resposta e estendeu a mão em direção a algum ponto debaixo da mesa. Seguiu-se um clique alto e, então, as algemas e a coleira se abriram automaticamente.

Com um suspiro trêmulo, ergui lentamente um dos braços. Meu corpo inteiro alternava entre pontos de dormência e hipersensibilidade.

Ele pousou uma das mãos no meu braço, fazendo-me retrain.

— Não vou te machucar — disse. — Só quero ajudá-la a se sentar.

Levando em conta que eu não tinha qualquer controle sobre meus membros trêmulos, não estava em condições de protestar. Em questão de segundos, o sargento me colocou sentada. Agarrei-me às beiradas da mesa para me firmar e inspirei fundo algumas vezes. Minha cabeça pendia do pescoço como um fio de espaguete cozido demais, e meus cabelos, caídos em torno do rosto, bloquearam por um momento a visão da sala.

— Você deve estar um pouco tonta. Vai passar logo.

Ao erguer a cabeça, vi um homem baixo e careca, vestido com um jaleco branco, parado ao lado da porta de um preto tão brilhante que refletia todo o interior da sala. Ele segurava um copinho de papel numa das mãos e o que me pareceu uma braçadeira de um medidor de pressão arterial na outra.

Corri os olhos lentamente pela sala. Mais parecia um estranho consultório médico, repleto de mesinhas com instrumentos cirúrgicos, armários e tubos pretos presos às paredes.

Ao receber um sinal do sargento, o homenzinho de jaleco se aproximou da mesa e, com cuidado, trouxe o copo até minha boca. Bebi avidamente. A água gelada aplacou um pouco a queimação em minha garganta, mas bebi rápido demais e acabei com um acesso de tosse ao mesmo tempo alto e dolorido.

— Sou o dr. Roth, um dos médicos da base. — Ele botou o copo de lado e, metendo a mão no bolso do jaleco, puxou um estetoscópio. — Vou apenas auscultar seu coração, ok? E, em seguida, medir sua pressão arterial.

Contraí-me novamente ao senti-lo pressionar o metal gelado contra minha pele.

Ele, então, o posicionou em minhas costas.

— Inspire fundo. — Acatei a ordem, e o médico repetiu as instruções. — Ótimo. Agora, estique o braço.

Obedeci de novo e imediatamente reparei no vergão vermelho que circundava meu pulso. Havia outro idêntico em torno da outra mão. Engoli em seco e desviei os olhos. Estava prestes a ter um colapso nervoso, o que

só piorou quando fitei o sargento. Seus olhos não eram exatamente hostis, mas pertenciam a um estranho. Eu estava absolutamente sozinha — com estranhos que sabiam o que eu era e que tinham me capturado com um propósito.

Minha pressão devia estar nas alturas, a julgar pelo pulsar em minhas veias e pelo aperto em meu peito, o que não podia ser bom sinal. Ao sentir a braçadeira começar a desinflar, inspirei fundo diversas vezes e perguntei:

— Onde estou?

O sargento Dasher entrelaçou as mãos atrás das costas.

— Nevada.

Olhei para ele e, em seguida, para as paredes — completamente brancas exceto pela profusão de pontinhos pretos brilhantes.

— Nevada? Isso... isso fica do outro lado do país. Num fuso horário diferente.

Silêncio.

De repente, a ficha caiu. Deixei escapar uma risada estrangulada.

— Área 51?

Seguiu-se outro momento de silêncio, como se eles não pudessem confirmar a existência de tal lugar. Maldita Área 51. Não sabia se devia rir ou chorar.

O dr. Roth soltou a braçadeira.

— A pressão dela está um pouco alta, mas já era de esperar. Gostaria de fazer um exame mais minucioso.

Imagens terríveis de apalpadas e espetadelas invadiram minha mente. Eu pulei da mesa o mais rápido que pude e tentei me afastar dos homens, as pernas mal aguentando meu peso.

— Não. Vocês não vão fazer isso. Não podem...

— Podemos, sim — interrompeu-me o sargento. — De acordo com a Lei Patriótica, podemos apreender, realocar e deter qualquer um, humano ou não, que configure risco à Segurança Nacional.

— O quê? — Bati com as costas na parede. — Não sou uma terrorista.

— Mas é um risco — retrucou ele. — Esperamos mudar isso, mas como pode ver, seu direito à liberdade foi revogado no momento em que você passou pela mutação.

Minhas pernas cederam e eu escorreguei parede abaixo, caindo sentada com força.

— Não posso... — Meu cérebro se recusava a processar aquela situação. — Minha mãe...

O sargento não disse nada.

Minha mãe... ai, meu Deus, minha mãe devia estar enlouquecendo. Apavorada e devastada. Ela jamais se recuperaria.

Fechei os olhos e pressionei a testa com as mãos.

— Isso é tão errado!

— O que você imaginou que iria acontecer? — perguntou Dasher. Abri os olhos, respirando com dificuldade.

— Vocês acharam que conseguiriam invadir um órgão do governo e sair sem que nada acontecesse? Que não haveria consequências? — Ele se agachou diante de mim. — Que um grupo de adolescentes, alienígenas ou híbridos, conseguiria chegar tão longe sem que a gente permitisse?

Meu corpo inteiro gelou. Boa pergunta. O que a gente *estava* esperando? Suspeitávamos de que pudesse ser uma armadilha. Eu chegara basicamente a me preparar para tanto, mas não podíamos deixar a Beth apodrecendo naquele lugar. Nenhum de nós conseguiria viver com isso.

Ergui os olhos para o sargento.

— O que... o que aconteceu com os outros?

— Eles escaparam.

O alívio foi imediato. Pelo menos o Daemon não estava trancafiado em algum lugar. Saber disso me deu certo conforto.

— Para ser honesto, só precisávamos capturar um de vocês. Ou você ou o que te transformou. Qualquer um dos dois irá atrair o outro. — Fez uma pausa. — No momento, Daemon Black está desaparecido, mas a gente acredita que isso não vai durar muito. Sabemos por experiência que o vínculo entre um Luxen e o humano transformado por ele ou ela é bastante intenso, especialmente entre um homem e uma mulher. E, pelo que pudemos observar, vocês dois são extremamente... próximos.

O alívio que eu sentira evaporou no mesmo instante, substituído por um súbito medo. Não fazia sentido fingir que não sabia do que ele estava falando, mas jamais confirmaria que tinha sido o Daemon. *Jamais*.

— Sei que está com medo e zangada.

— Tem razão, estou sentindo uma boa dose dessas duas coisas.

— Compreensível. Não somos tão ruins quanto você pensa, Katy. Tínhamos todo o direito de recorrer a meios letais quando a capturamos. Poderíamos ter matado seus amigos. Mas não matamos. — Ele se levantou e entrelaçou as mãos novamente. — Você vai ver que não somos o inimigo aqui.

Não eram o inimigo? *Eram*, sim — uma ameaça pior do que um pelotão inteiro de Arum —, porque tinham o respaldo do *governo*. Porque podiam simplesmente pegar uma pessoa e afastá-la de tudo — da família, dos amigos, de toda uma vida —, sem nenhuma consequência.

Eu estava totalmente ferrada.

Quando me dei conta da real situação em que me encontrava, meu já escasso autocontrole se desfez por completo. Fui tomada por um pavor profundo, que rapidamente se transformou em pânico, produzindo um tenebroso misto de emoções estimuladas pela adrenalina. A razão deu lugar ao instinto — não um instinto nato, mas que fora moldado pelo que eu me tornara após ser curada pelo Daemon.

Coloquei-me de pé num pulo. Meus músculos doloridos gritaram em protesto, e o movimento súbito me deixou tonta, mas continuei em pé. O médico deu alguns passos para o lado, empalidecendo enquanto estendia a mão para a parede. O sargento, por sua vez, sequer piscou. Não parecia nem um pouco apreensivo.

Com todas as violentas emoções que fervilhavam dentro de mim, invocar a Fonte deveria ter sido fácil, mas não encontrei nada, nem aquela sensação de expectativa de quando você está no topo de uma montanha-russa, nem um brotar de estática em volta da pele.

Não havia nada.

Ainda que minha mente estivesse embotada pelo horror e pelo pânico, a realidade se insinuou lentamente, lembrando-me de que não podia recorrer à Fonte ali.

— Doutor? — chamou o sargento.

Eu precisava de uma arma. Contornando o oficial, segui para a mesa com os instrumentos cirúrgicos. Não tinha a menor ideia do que iria fazer se conseguisse escapar daquela sala. A porta talvez estivesse trancada. Naquele momento, porém, não conseguia pensar em nada. Apenas tinha que dar o fora dali. Tipo, imediatamente.

Antes que conseguisse alcançar a bandeja, o médico deu um tapa na parede. Seguiu-se um tenebroso e familiar som de algo sendo liberado numa série de pequenos borrifos. Não houve outro aviso. Nenhum cheiro. Nenhuma mudança na consistência do ar.

De qualquer forma, aqueles pequenos pontos no teto e nas paredes estavam pulverizando ônix no ambiente, e não havia para onde escapar. Fui acometida por um horror profundo. Senti a respiração ser cortada enquanto uma dor causticante brotava em meu escalpo e se espalhava por todo o meu corpo. Como se alguém tivesse me encharcado com gasolina e ateadado fogo, fazendo com que labaredas lambessem minha pele. Minhas pernas cederam e caí de joelhos no chão. O ar saturado de ônix arranhava minha garganta e queimava meus pulmões.

Fechei-me numa bola, fincando os dedos no chão e abrindo a boca num grito silencioso. Meu corpo foi tomado por espasmos incontrolláveis à medida que o ônix invadia cada célula. Aquilo parecia não ter fim. Não havia a menor esperança de que o fogo pudesse ser aplacado pelo raciocínio rápido do Daemon. Ainda assim, chamei por ele em silêncio repetidas vezes, mas não obtive resposta.

Meu mundo fora reduzido a uma única sensação: dor.



DAEMON

Trinta e uma horas, quarenta e dois minutos e vinte segundos tinham se passado desde que as portas se fecharam, me separando da Kat. Trinta e uma horas, quarenta e dois minutos e dez segundos desde que a vira pela última vez. Kat estava nas mãos do Daedalus havia trinta e uma horas e quarenta e um minutos.

A cada segundo, minuto e hora eu enlouquecia um pouco mais.

Eles haviam me prendido numa cabana simples, com um único aposento. Na verdade, uma prisão adornada com tudo o que pudesse enfeitar um Luxen, mas isso não me deteve. Explodi a porta e o Luxen que

tinha sido posto de vigia. Uma fúria indescritível me consumia, envolvendo minhas entranhas como ácido enquanto eu ganhava velocidade e passava em disparada pela fileira de cabanas, evitando a área residencial e seguindo direto para as árvores que circundavam a colônia Luxen, escondida na base das Seneca Rocks. Na metade do caminho, percebi um borrão branco vindo em minha direção.

Eles iam tentar me deter? Nem sonhando.

Parei de supetão. A luz passou direto por mim e se virou. Em sua forma alienígena com contornos humanos, o Luxen parado diante de mim brilhava tanto que iluminava as árvores escuras às suas costas.

Só estamos tentando protegê-lo, Daemon.

Da mesma forma que o Dawson e o Matthew achavam que conseguiriam me proteger me nocauteando lá em Mount Weather e depois me trancafiando numa cabana. Ah, eu tinha uma tremenda conta a acertar com aqueles dois.

Não queremos te machucar.

— Que pena! — Estalei o pescoço. Vários outros Luxen se aproximavam por trás de mim. — Porque não tenho o menor problema em machucar vocês.

O que estava à minha frente estendeu os braços.

Não precisa ser assim.

Não havia outro jeito. Abandonar minha forma humana foi como tirar uma roupa apertada demais. Um brilho avermelhado se espalhou pela relva como sangue. *Vamos acabar logo com isso.*

Nenhum deles hesitou.

Nem eu.

O Luxen avançou num borrão de membros brilhantes. Mergulhei por baixo dos braços dele e me levantei rapidamente. Agarrando-o pelos punhos, dei um chute no meio de suas costas. Assim que ele caiu, outro tomou seu lugar.

Pulei de lado ao mesmo tempo que estendia o braço e derrubava o segundo. Agachei-me, então, escapando por um triz de uma bota com meu nome gravado na sola. O combate físico era mais do que bem-vindo. Despejei toda a fúria e frustração numa série de socos e chutes, nocauteando mais três.

Uma bola de luz cortou a escuridão. Agachei de novo e dei um soco no chão, levantando terra e produzindo uma onda de choque que lançou

o maldito Luxen no ar. Pus-me de pé num pulo e o agarrei. Eu emitia uma luz tão intensa que, por um momento, a noite se transformou em dia.

Girei e o arremessei como um disco.

Ele bateu contra uma das árvores e despencou no chão, mas rapidamente se levantou. Avançou de novo, deixando um rastro de luz branca debruada de azul, tal como a cauda de um cometa. Com um grito de batalha desumano, lançou em minha direção uma bola de energia de proporções nucleares.

Ah, então era assim que ele queria brincar?

Desviei o corpo para o lado; a bola passou zunindo e se apagou. Recuando um passo, invoquei a Fonte e deixei o poder se espalhar por todo o meu corpo. Bati com o pé no chão, criando uma cratera e outra onda de choque que desequilibrou o Luxen. Em seguida, estendi o braço e liberei a Fonte. Ela espocou de minha mão como o tiro de um revólver, acertando-o em cheio no peito.

O Luxen caiu, ainda vivo, porém tomado por espasmos.

— O que você pensa que está fazendo, Daemon?

Ao escutar a voz sem entonação do Ethan Smith, me virei. O antigo, que continuava em sua forma humana, estava parado alguns metros atrás de mim, em meio aos Luxen que eu derrubara. Meu corpo vibrou com o poder não liberado. *Eles não deviam ter tentado me deter. Nenhum de vocês deveria ter tentado fazer isso.*

Ethan entrelaçou as mãos diante do peito.

— Você não devia estar disposto a arriscar sua comunidade por uma garota humana.

Havia uma boa chance de que ele viesse a ser meu próximo alvo. *Não vou discutir com você sobre a Kat.*

— Nós somos a sua espécie, Daemon. — Ele deu um passo à frente.

— Você tem que ficar conosco. Ir atrás dessa humana só irá...

Estendi o braço e agarrei pelo pescoço o Luxen que tentava se aproximar sorrateiramente. Virei-me para ele ao mesmo tempo que ambos reassumíamos nossa forma humana. Seus olhos brilhavam, amedrontados.

— Jura? — grunhi.

— Merda — murmurou ele.

Suspendi o filho da mãe no ar e o derrubei com toda a força no chão, esganando-o. Terra e pedrinhas voaram para todos os lados enquanto eu me empertigava e voltava a atenção para o Ethan.

O antigo empalideceu.

— Você está lutando contra sua própria espécie, Daemon. Isso é imperdoável.

— Não estou pedindo perdão. Não estou pedindo porra nenhuma.

— Você será expulso da comunidade — ameaçou ele.

— Adivinha só? — Recuei alguns passos, mantendo um olho fixo no Luxen caído, que começara a se recobrar. — Não dou a mínima.

A expressão até então calma e quase dócil do Ethan desapareceu, e foi substituída pela raiva.

— Acha que eu não sei o que você fez com aquela garota? O que seu irmão fez com a outra? Ambos provocaram isso. É por esse motivo que não nos misturamos com eles. Humanos só nos criam problemas. E você vai criar também, vai atrair a atenção do governo para nós. Não precisamos disso, Daemon. Você está arriscando demais por conta de uma simples humana.

— Esse planeta é deles — retruquei, surpreso comigo mesmo pela declaração, mas era verdade. Repeti as palavras que a Kat dissera uma vez: — Nós somos os convidados aqui, meu chapa.

Ethan estreitou os olhos.

— Por enquanto.

Inclinei a cabeça ligeiramente de lado ao escutar isso. Não era preciso ser um gênio para perceber que era um aviso, mas, por ora, minha prioridade era a Kat.

— Não me sigam.

— Daemon...

— Estou falando sério, Ethan. Se você ou qualquer outro vier atrás de mim, não vou ser tão condescendente.

O antigo bufou.

— Ela vale tudo isso?

Um calafrio percorreu minha espinha. Sem o apoio da comunidade Luxen, eu estaria sozinho. Não seria bem-vindo em nenhuma das outras colônias. A notícia se espalharia rápido; Ethan se certificaria disso. Ainda assim, não tive sequer um momento de hesitação.

— Vale — respondi. — Ela é *tudo*.

Ethan inspirou fundo.

— Não apareça mais aqui.

— Que assim seja.

Eu girei nos calcanhares e parti em disparada por entre as árvores, seguindo para casa. Estava confuso demais. Não tinha sequer um plano. Nada de concreto. Mas sabia que ia precisar de algumas coisas. Em primeiro lugar, dinheiro. E um carro. Ir correndo até Mount Weather não era uma opção. Mas voltar para casa ia ser difícil, principalmente porque o Dawson e a Dee estariam lá — e tentariam me impedir.

A essa altura, queria vê-los tentar.

No entanto, enquanto contornava a montanha rochosa e ganhava velocidade, as palavras do Ethan ecoaram em minha mente. *Ambos provocaram isso*. Será? A resposta era simples e estava na minha cara. Dawson e eu tínhamos colocado as meninas em perigo pelo simples fato de termos nos interessado por elas. Nenhum de nós imaginava que elas se machucariam, ou que a cura iria transformá-las em algo não exatamente humano nem Luxen. Mas sabíamos dos riscos.

Eu mais do que ninguém.

Por isso tinha tentado afastar a Kat no começo, fazendo de tudo para mantê-la longe da Dee e de mim. Em parte pelo que havia acontecido com o Dawson, mas também porque os riscos eram muitos. No entanto, acabei trazendo-a para esse mundo. Dei a mão a ela e praticamente a arrastei. E olha o que aconteceu.

Não era para ter sido assim.

Se era para alguém ser capturado em Mount Weather, esse alguém era eu. Não a Kat. Jamais ela.

Amaldiçoando por entre os dentes, alcancei um trecho do terreno iluminado por um luar prateado segundos antes de deixar a mata. Sem me dar conta do que estava fazendo, diminuí a velocidade.

Meu olhar recaiu direto sobre a casa da Kat, e meu peito apertou.

A casa estava escura e silenciosa, como estivera por vários anos antes que ela se mudasse. Uma carcaça vazia e sem vida.

Parei ao lado do carro da mãe dela e soltei um suspiro entrecortado que não ajudou em nada a aliviar a pressão em meu peito. Sabia que estava

escuro demais para que alguém conseguisse me ver. De qualquer forma, não me importaria de ser capturado pelo DOD ou o Daedalus. Seria mais fácil assim.

Fechei os olhos e visualizei a Kat saindo pela porta da frente, usando aquela maldita camiseta com os dizeres Meu Blog É Melhor Que O Seu Vlog. Aqueles shorts... aquelas pernas...

Cara, eu tinha sido um verdadeiro babaca, mas ela não se deixara intimidar. Nem por um segundo.

Uma luz se acendeu em minha casa. Um segundo depois, a porta da frente abriu e Dawson saiu para a varanda. A brisa trouxe uma leve maldição.

Precisava reconhecer que o Dawson parecia mil vezes melhor do que da última vez que o vira. As olheiras escuras tinham praticamente desaparecido. E ele engordara um pouco. Tal como antes de o DOD e o Daedalus o capturarem, seria quase impossível distinguir qualquer diferença entre nós, exceto pelo fato de os cabelos dele serem mais compridos e bagunçados. É, meu irmão estava com cara de quem havia ganhado na loteria. Mas, também, ele conseguira resgatar a Bethany.

Isso soava como inveja, eu sabia, mas não dava a mínima.

Assim que pisei no primeiro degrau, uma onda de choque rachou o cimento da escada e chacoalhou as tábuas do piso da varanda.

Dawson empalideceu e recuou um passo. Fui tomado por uma doentia sensação de satisfação.

— Não esperava me ver?

— Daemon. — Ele bateu com as costas na porta. — Sei que você está puto.

Eu liberei outra explosão de energia que acertou as ripas do telhado. A madeira estalou. Uma rachadura surgiu no meio da viga central. A Fonte se espalhou pelo meu corpo, modificando minha visão e fazendo com que o mundo se tornasse todo branco.

— Você não faz ideia.

— Queríamos mantê-lo em segurança até descobirmos o que fazer... como resgatar a Kat. Só isso.

Inspirei fundo e me aproximei dele até ficarmos cara a cara.

— E vocês acharam que me prender na colônia era a melhor opção?

— A gente...

— Que conseguiriam me deter? — Outra explosão de poder acertou a porta atrás do Dawson, arrancando-a das dobradiças. — Vou salvá-la nem que para isso precise incendiar o planeta inteiro.